

Agendamento, disputas e construção do gaúcho na Internet

Liliane Dutra Brignol

RESUMO

O artigo, a partir da observação de um *site* sobre cultura gaúcha, levanta questões sobre a construção das identidades culturais nas mídias, especialmente na Internet. No recorte proposto, parte da pesquisa "*Identidade cultural gaúcha nos usos sociais da Internet: um estudo de caso sobre a Página do Gaúcho*", são apresentados três casos de agendamento midiático reforçado pela dinâmica de produção e usos da Internet: o envolvimento com a minissérie *A casa das sete mulheres*, o boicote ao humorístico *Casseta & Planeta* e as discussões geradas por uma manifestação homossexual durante um evento tradicionalista na capital do Rio Grande do Sul. Ancorado nos conceitos de midiatização, estratégias identitárias e usos sociais das mídias, o texto reflete sobre os modos pelos quais a experimentação identitária potencializada pela Internet está atuando para a reelaboração do significado atribuído à identidade gaúcha desde a sua construção midiática.

PALAVRAS-CHAVE: Midiatização. Internet. Identidade cultural gaúcha.

1 Introdução

Para discutir a complexa relação entre mídia e identidade, parto do reconhecimento da centralidade que a esfera midiática foi assumindo na vida cotidiana, nas relações sociais, e implicando em reconfigurações de diversas ordens. Sem desconsiderar os cruzamentos, as assimetrias e as distintas temporalidades nas apropriações das mídias – também característicos da sociedade contemporânea –, elas penetram todas as esferas da vida. Estão no centro das discussões sobre globalização, mundialização da cultura, aceleração dos fluxos informacionais, sendo apontadas como protagonistas de mudanças nas interações sociais e nas formas de reconhecimento.

O que se percebe é que a comunicação midiática encontra-se em transformação acelerada, com o desenvolvimento de novos dispositivos tecnológicos e também com alterações em seus usos, gerando um processo de midiaticização das sociedades industriais (VERÓN, 1997; MATA, 1999), o que faz com que as relações apareçam mediadas não apenas por instituições como a família, a escola e o trabalho, sendo possível perceber uma valorização das mídias para a constituição dos vínculos sociais.

Embora a midiaticização faça referência a mudanças de ordens distintas nas práticas sociais e em suas representações, entende-se que essas práticas, de um modo geral, acabam sendo perpassadas pelas lógicas midiáticas. É, portanto, na idéia de centralidade da mídia que se situa um dos eixos conceituais propostos aqui,¹ pois parto do entendimento de que as conseqüências da midiaticização também são percebidas na esfera das vivências identitárias.

Na pesquisa que originou a discussão apresentada neste artigo (BRIGNOL, 2004), o olhar é focado sobre a reconfiguração dos mecanismos

■
¹ O segundo eixo para pensar sobre as relações entre mídia e identidades envolve o conceito de mediação. O pressuposto no qual se ancora é o de que a identidade, agente na definição da competência cultural do indivíduo é um dos entornos que interage na definição dos significados atribuídos às mídias, incluindo a Internet, ajudando a estabelecer escolhas entre opções disponíveis na rede. Nessa perspectiva também foi construída a investigação. Com base no pressuposto de que a identidade é mediadora de usos sociais feitos da Internet, busco constatar como ela aparece aqui sendo responsável, a partir de demandas distintas, por apropriações variadas de uma mídia marcada pela diversidade de opções de acesso.

de identidade a partir da ampliação das possibilidades de experiências com a expansão dos usos das mídias, especialmente da Internet. Entendo, nos termos de Sodré, que a mídia implica uma “[...] forma nova de vida, com um novo espaço e modo de interpelação coletiva dos indivíduos, portanto, outros parâmetros para a constituição das identidades [...]” (SODRÉ, 2002, p. 23).

Com a certeza de que as práticas são sempre mais complexas do que as suas perspectivas explicativas e entendendo que a midiaticização não é homogênea, mas insere-se num contexto de possibilidades materiais e competências dos sujeitos, é construída essa vinculação entre análises empíricas e eixo teórico.

2 A identidade gaúcha na Internet

A mídia representa hoje um dos principais espaços de vivência da identidade cultural gaúcha, pois, na sua dinâmica construção, ela é permanentemente visibilizada, discutida, experimentada e reordenada no ambiente midiático através de apropriações diversas feitas de produções locais e nacionais. Se, em sua trajetória, a identidade gaúcha nasceu ligada à literatura e à historiografia oficial, hoje é a mídia que vai ocupar o papel de sua dinamizadora, não apenas ao mostrar o gaúcho, mas, sobretudo, a partir da possibilidade de reconhecimento através da sua multiplicidade de usos.

Entendo que a cultura gaúcha é heterogênea, baseada em heranças e apropriações de culturas que constroem a história do Estado do Rio Grande do Sul. Entretanto, mesmo assumindo características diferenciadas de acordo com a região e os grupos étnicos que aqui habitam, a idéia hegemônica de cultura é baseada na figura do gaúcho: a cultura gaúcha promove a unificação cultural da heterogeneidade dos grupos existentes no Estado.

Além disso, a cultura regional gaúcha é marcada pela “[...] ênfase das peculiaridades do Estado e a simultânea afirmação do pertencimento dele ao Brasil [...]” (OLIVEN, 1992, p. 47). Segundo Oliven, este é justamente um dos principais suportes da construção social da identidade gaúcha. A posição

singular em relação ao Brasil se deve ao isolamento geográfico do Estado, à integração tardia ao resto do país, às características geográficas, à forma de seu povoamento, à sua economia e ao modo pelo qual se insere na cultura nacional (OLIVEN, 1992).

Todas essas peculiaridades contribuem para a construção da identidade cultural no Rio Grande do Sul, baseada na representação da figura mitificada do gaúcho, identificando o habitante local como um tipo social único: “[...] o gaúcho, o cavaleiro e o peão da estância da região sudoeste do Rio Grande do Sul[...]” (OLIVEN, 1992, p. 50).

A partir da construção social da identidade gaúcha foram sendo resgatadas e inventadas tradições que passaram a integrar a cultura regional. Essas tradições são reunidas, numa tentativa de sua preservação, em um movimento organizado em torno de entidades associativas conhecido como Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que funciona como uma federação de Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), espalhados por todo o Rio Grande do Sul e para além dele, chegando a países tão diversos como os Estados Unidos e o Japão. Essas organizações, construídas de modo a lembrar a estrutura das antigas estâncias gaúchas (grandes propriedades para criação de gado), com os seus patrões (os donos da terra) e peões (seus empregados), são marcadas por seu aspecto gauchista, segregador e, ao mesmo tempo, aglutinador e fortalecedor de um sentido comunitário estimulado por um extremo caráter disciplinário a partir da permanente vigília ao cumprimento de regras e manutenção das tradições, numa tentativa de cristalização da cultura gaúcha tradicional.²

■
² Apesar da emergência de identidades traduzidas ou híbridas, parece tentador o pensamento de que as identidades estejam, como diz Hall, destinadas a acabar “[...]num lugar ou noutro: ou retornando a suas ‘raízes’ ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização[...]” (1999, p. 88). É essa a compreensão que leva à tentativa de reconstituição de identidades consideradas puras, na expectativa de que possa ser mantida a unidade e a tradição diante da diversidade. A tradição, como defendida pelo MTG, é entendida, assim, como um conjunto de elementos dados em um passado longínquo e revividos na atualidade como perpetuação de valores constituintes das identidades. Desconsideram, assim, que as tradições quase nunca são reprodução de costumes do passado, mas invenções recentes que se estabeleceram com certa rigidez (HOBSBAWN, 1994).

É inserida nesse contexto que a identidade cultural gaúcha, ou as identidades, como parece mais apropriado nessa abordagem, já que é entendida como marcada por diferentes demandas, como a étnica, a mercadológica, de gênero e de classe, revela-se numa pluralidade de filiações, possibilidades e vivências, sendo a tradição um dos seus fortes elementos constituidores, caracterizada por constantes negociações entre múltiplos modos de ser gaúcho. Essa compreensão ancora-se no entendimento das identidades enquanto estratégias ou, ainda, em termos de posicionamento: trata-se, não de uma essência, mas de uma política de posição, baseada nos vetores da similaridade e continuidade, da diferença e ruptura (HALL, 1996).

Neste sentido, a pluralidade de modos de ser gaúcho e a constante disputa por hegemonia encontram-se também na Internet. Usuários navegam pela rede, criam e participam de espaços destinados a divulgar, discutir e viver essa identidade, que, apesar de nunca ter sido fixa, parece ganhar outras dinâmicas a partir do momento em que passa a circular em *e-mails*, *fóruns*, *sites* e *chats*.

3 O caso *Página do Gaúcho*

A *Página do Gaúcho* (www.paginadogaicho.com.br) surge como um espaço privilegiado para pensar sobre a relação entre identidade cultural e os usos sociais da Internet. Criada em 1996 com o objetivo de transformar-se em uma referência sobre gauchismo no ciberespaço através da proposta de reunir informações sobre aspectos tradicionais da cultura em uma espécie de enciclopédia *online*, a página foi tendo sua dinâmica complexificada à medida que crescia o seu número de usuários. Em 2004, quando foi finalizada a pesquisa, recebia cerca de 40 mil acessos por mês. Todos os dias, era enviada uma média de 120 mensagens endereçadas para a *Página do Gaúcho*, com sugestões, pedidos, contribuições ou reclamações. A atualização constante do fórum de discussões, chamado *Galpão de Debates*, também reforçava a dinâmica. Mais de 700 pessoas já tinham preenchido o cadastro que garante a intervenção. No

Mural de Recados, espécie de livro de visitas, circulavam mensagens com pedidos de informações sobre música, convites para eventos e troca de contatos.

A partir da observação da dinâmica da *Página do Gaúcho* foi possível levantar questões sobre a construção do gaúcho na Internet, entendida como uma mídia que permite a consolidação de um ambiente comunicacional múltiplo e complexo. No recorte proposto no artigo, é discutido o agendamento midiático³ como possibilidade de experimentação identitária potencializada pelas características da Internet.

A referência a outras mídias está presente no *site*, que se pauta em polêmicas, temas e questões levantadas em revistas, jornais, rádios e, sobretudo, na televisão. Tanto os produtos midiáticos, como minisséries e programas de auditório, como os assuntos tratados por eles, geram um agendamento no *site*, fomentando embates sobre a identidade gaúcha.

Há uma unanimidade entre os usuários na reclamação por mais visibilidade nacional para o gaúcho. Em suas falas no *site* e nas entrevistas foi observado um descontentamento com o que consideram um descaso ou mesmo uma discriminação com o Rio Grande do Sul, sempre retratado de um modo subvalorizado e a partir de estereótipos considerados ofensivos. Há, na rejeição à construção da imagem do gaúcho na mídia nacional, uma crítica com caráter autoritário, pois os usuários defendem não uma pluralidade, mas o retrato de um modo de ser gaúcho muito próximo ao que é vivenciado no *site* sob um viés tradicional, como pode ser constatado nas críticas ao programa humorístico *Casseta & Planeta*, da Rede Globo de Televisão, cuja repercussão no *site* é comentada adiante.

³ A hipótese do agendamento, ou agenda *setting*, surgida nos anos 70, relaciona efeitos sociais dos meios de comunicação. Segundo McCombs e Shaw (apud TRAQUINA, 2003, p. 33), “[...]o agendamento é consideravelmente mais do que a clássica asserção que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias também nos dizem sobre como pensar nisso. Tanto a seleção de objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos são poderosos papéis de agendamento”. Parte-se desse conceito para pensar a sua complexificação diante das diferentes nuances percebidas na intersecção entre mídia e sociedade.

Também, na busca por mais visibilidade, os sujeitos mostram-se em constante vigília sobre aquilo que é produzido pela mídia, sobretudo com o cuidado para que os valores tradicionais não sejam agredidos, como consideram que aconteça mesmo em produções da mídia regional, como no programa dominical *Galpão Crioulo*, da RBS TV (afiliada da Globo), ou em produções da teledramaturgia, como a minissérie *A casa das sete mulheres*, que, apesar de sua aceitação, foi alvo de críticas.

O que se percebe na dinâmica do *site* é que a mídia vai sendo constituída como um “outro”, visto com reservas e, na maioria das vezes, criticado, em um contexto que se pauta na relação histórica de valorização midiática da cultura do centro do país. Com a regionalização da programação e a maior abertura das emissoras nacionais a temáticas de diferentes regiões, incluindo do Rio Grande do Sul, há uma pluralização na construção midiática do gaúcho, alimentada por muitas matrizes, algumas das quais concorrentes com as defendidas por entidades que disputam o domínio hegemônico da identidade gaúcha, como o MTG. O agendamento midiático no *site* mostra essa dinâmica plural da identidade gaúcha na mídia, responsável, muitas vezes, pela perda de controle daqueles que se consideram seus defensores.

Assim, “nós”, os usuários da *Página do Gaúcho*, falamos da Rede Globo, da RBS TV ou de revistas de circulação nacional como opositores, deturpadores de nossa identidade, criadores de estereótipos ou fontes de discriminação. Há, nesse entendimento – que passa pela atribuição de poder às mídias muitas vezes responsável pela alienação e passividade de seus receptores (apesar de toda a movimentação presente desde o *site* a contestar) –, a exigência de uma afirmação frente o domínio do midiático, visível a partir das diferentes manifestações e ocupação de espaços na página para agendar questões que surgem justamente em outras mídias, a exemplo do que é descrito a seguir.

4 Respingos da explosão de gauchismo com *A casa das sete mulheres*

A minissérie *A casa das sete mulheres*,⁴ produzida pela Rede Globo de Televisão, sob a direção de Jayme Monjardim, foi exibida no primeiro semestre de 2003, trazendo interesse sobre o Rio Grande do Sul e o despertar de matérias em televisão, jornais e revistas sobre a história e a cultura do Estado. Com a Revolução Farroupilha⁵ servindo de pano de fundo para romances, a paisagem gaúcha foi explorada, o sotaque (ainda que reconstruído por atores cariocas e paulistas) ganhou destaque em horário nobre e o mito do gaúcho heróico e libertário foi reforçado em uma produção nacional.

Com a visibilidade do Rio Grande do Sul, em auge na mídia, houve um aumento da participação no *Galpão de Debates da Página do Gaúcho*, em uma série de tópicos criados para discutir sobre todos os aspectos do programa, do enredo, figurino e trilha sonora às relações criadas com a história gaúcha: *Casa das sete mulheres, melhor ator (atriz) da Casa, Marengo e Saldanha pagando mico em rede nacional, Siete mujeres, música – A casa das sete mulheres* e *Casa das sete mulheres, por Nico Fagundes* foram os espaços criados pelos usuários.

Alguns, como uma das usuárias entrevistadas para a pesquisa, admitem que tiveram estímulo para começar a participar das discussões, motivados pelo entusiasmo causado com a projeção da cultura do Estado através da minissérie. No geral, os depoimentos e mesmo todo o envolvimento em torno da produção demonstraram orgulho diante da valorização do Rio Grande do Sul – segundo os debatedores, finalmente reconhecido pelo restante do Brasil. No entanto, a aproximação com a história da minissérie fez com que

⁴ Livremente inspirada na obra homônima de Leticia Wierzchowski, a produção narra a história de sete mulheres à espera de seus homens em uma fazenda, vivendo seus dramas pessoais, amores impossíveis e angústias, enquanto desenrola-se a Revolução Farroupilha.

⁵ Destaque na historiografia do Rio Grande do Sul e no imaginário gaúcho, o movimento começou em 1835. Durante dez anos, os farroupilhas lutaram pela independência do Rio Grande do Sul do restante do Brasil, motivados pela insatisfação de estancieiros em relação à centralização política e econômica imposta pelo governo imperial e pela exploração com a cobrança de impostos.

os usuários do *site* virassem críticos de televisão, defensores da veracidade histórica, dos cuidados com o cenário, da correção nas falas e do respeito ao tratamento do gaúcho na produção.

Entre as críticas estavam a escolha de poucos atores gaúchos; a ênfase ao romance e não à Revolução Farroupilha; a repetição de poucas músicas regionais em prioridade às nacionais; o uso de cenários, como dos cânions dos Aparados da Serra, misturados com o da cidade de Pelotas, no que consideraram uma confusão geográfica; e, sobretudo, os erros históricos. Em uma demonstração de conhecimento sobre a Revolução Farroupilha, os usuários começaram uma argumentação sobre os descuidos com os fatos ocorridos – o mesmo debate surgido entre historiadores gaúchos, que reagiram com desconforto diante das licenças poéticas em relação à história.

Apesar das reações, aparentemente contrárias, o sentimento geral foi de comemoração diante da homenagem ao passado gaúcho, tão revivo no *site*. A disputa sobre a correção da minissérie parece ter apenas reforçado o envolvimento dos usuários com a produção, um sucesso de audiência em todo o país. Sua projeção trouxe motivação para usos da página e seu consumo aconteceu também desde a troca de mensagens entre os usuários na Internet.

5 O episódio *Casseta & Planeta* e o mito do gaúcho macho

Nenhum produto midiático causou tanta revolta nos usuários da *Página do Gaúcho* quanto o *Casseta & Planeta*, humorístico da Rede Globo de Televisão, veiculado nas noites de terça-feira. As piadas com referência aos gaúchos, constantemente exibidas nos programas, geraram discussão não apenas no *Galpão de Debates*, mas também em outros *sites* sobre cultura gaúcha, ganhando espaço na Internet e mesmo no cotidiano dos defensores da identidade cultural.

Os humoristas já faziam eventualmente piadas com os gaúchos – identificados no programa sempre como homossexuais –, principalmente brinca-

deiras com referência a Pelotas, no Sul do Estado, conhecida popularmente pela fama de ser uma cidade com grande número de *gays*. Já em 1992, o programa exibiu um especial intitulado *Macho às Pampas*. Entretanto, em 2003, os gaúchos viraram alvo preferido do programa, graças ao sucesso alcançado pela minissérie *A casa das sete mulheres*. A saga da Revolução Farroupilha na versão *Casseta & Planeta* transformou-se em *A casa dos sete gaúchos*, com uma sátira estrelada por prendas de bigode e pelos protagonistas “Capitão Gayribaldie” “Sento Gonçalves”, versões escrachadas para os heróis revolucionários Giuseppe Garibaldi e Bento Gonçalves.

A relação criada pelo humor, identificando o gaúcho com o homossexualismo, faz uma reversão do papel de masculinidade enfatizado com orgulho na construção da identidade gaúcha. O assunto ganhou destaque em discussões pelo Estado, gerando opiniões controversas sobre as consequências da paródia, entendida por alguns como uma brincadeira e por muitos como desrespeito, o que provocou desconforto e revolta.

Na *Página do Gaúcho*, os embates agendados pela televisão ganharam espaço em discussões no *Galpão de Debates*. De abril a julho de 2003, quatro tópicos do fórum foram criados para discutir a polêmica em torno das piadas do programa. Em 2001, uma discussão já tinha sido iniciada em “Motivo para o *Casseta & Planeta* atacar o RS”, cujo texto de abertura dá o tom do descontentamento presente no *site*:

Acredito que tenha esgotado toda paciência do povo rio-grandense com relação aos “humoristas” do programa Casseta e Planeta. O motivo é o **desrespeito** por parte destes com **piadas asquerosas que impingem ao povo de um Estado inteiro**. [...] Atualmente o programa repete constantemente um bordão que **afirma que os riograndenses são uma raça de degenerados sexuais**. Isto passa a **agir no imaginário coletivo e senso comum do brasileiro**.

O humor inicial tornou-se agressão e **não acredito que os gaúchos (a não ser os idiotizados) riam das piadas do programa** como no início. Passa-se a ter um mal estar quando as vinhetas do programa são apresentadas. Achar graça significa submissão a uma boçalidade.⁶

⁶ Os textos são retirados das participações nos fóruns do *Galpão de Debates*, sem correções gramaticais, disponível no site: www.paginadogaucho.com.br

O desagrado inicial, reforçado em todos os debates, girava em torno da idéia de o programa influenciar telespectadores do Brasil, que passariam a acreditar serem todos os gaúchos homossexuais, o que revela uma concepção da mídia como “toda poderosa”, impositora de conceitos e padrões de comportamento a receptores passivos, sem qualquer possibilidade de questionamento ou de leituras divergentes.

Com a proliferação das piadas, em 2003, o incômodo transformou-se em indignação, o que, no *site*, tomou forma de uma mobilização de protesto contra o programa, percebida nos tópicos do *Galpão de Debates* “Boicote o lixo cultural *Casseta & Planeta*”, “Abaixo assinado à porcaria nacional”, “Mais uma do C & P” e “Se preparem – novo quadro do *Casseta & Planeta*”, com críticas aos humoristas e incitando os foristas a integrar uma campanha de boicote ao programa, pelo que consideraram um deboche com a história do Rio Grande do Sul e uma ofensa a seus heróis. As brincadeiras, como atesta um gaúcho migrante nos Estados Unidos, são suportáveis. Não é permitido, entretanto, o desrespeito com o passado, tão idealizado e definidor da identidade gaúcha:

Se o pseudo/intelectual carioca acha que eh engraçado falar que o gaúcho eh gay eu nao tenho problema com isso, se ele quiser botar um cara com bombacha rosa eu tambem nao vou me ofender. **Mas quando começa a citar nomes ai fugiu da brincadeira e partiu pra ofensa.** Eh como eu chamar um cearense de cabeça-chata, comedor de calango etc.. ate ai ele aguenta. Mas se eu colocar alguém como o Padre Cicero e disser que ele comia criança, ou bebia ou roubava o dinheiro da igreja ou qualquer outra besteira. Tenho certeza de que o povo de la nao gostaria.⁷

Entre outros, no entanto, não é tolerada a idéia de que seja questionada a masculinidade do gaúcho. Enquanto poucos no *site*, embora considerem as piadas irritantes, as desprezam. Independente da divergência entre os usuários, o protesto que começou a circular pela Internet com o título “Quem tem orgulho de ser gaúcho sai desse planeta”, foi refletido e incentivado nas dis-



⁷ Idem

cussões da *Página do Gaúcho*, em uma preocupação que reforça o agendamento de outras mídias nas questões tematizadas no *site*, e, sobretudo, a capacidade de ação estimulada pelos recursos da Internet, com a divulgação de *e-mails*, em uma mobilização que fez com que, depois de um dos programas considerados mais ofensivos, a produção do humorístico divulgasse que daria uma trégua aos gaúchos devido à campanha, considerada exagerada pela equipe, mas ainda assim considerada.

O episódio foi encerrado em outubro, depois do arquivamento de uma representação judicial feita por uma pessoa física, pedindo que o *Casseta & Planeta* fosse tirado do ar pela acusação de preconceito e racismo, devido à associação dos gaúchos à homossexualidade. Segundo a Procuradoria da República no Rio Grande do Sul, a decisão de arquivamento foi tomada em função do entendimento de que não havia qualquer prática discriminatória nem contra os gaúchos, nem contra os homossexuais.

No caso *Casseta & Planeta*, a identidade gaúcha foi tensionada, então, tanto pela mídia quanto pela justiça, o que foi possível acompanhar desde a movimentação no *site*. Mesmo com a decisão judicial favorável, o grupo diminuiu as piadas sobre os gaúchos no programa e os usuários do *site* encerraram a discussão, mas durante todo o tempo em que o humorístico tematizou a construção da imagem do gaúcho, questões da identidade foram negociadas em um processo que revela sua vivência e disputa na mídia.

5 O destino do “Capitão Gay” no *site*

Em uma das discussões mais calorosas do *Galpão de Debates*, os usuários da *Página do Gaúcho* colocaram mais uma vez em pauta a questão do homossexualismo, a partir de um acontecimento que ficou conhecido como “cavalgada gay de Pelotas”, ocorrida em setembro de 2002, quando José Antonio San Juan Cattaneo percorreu 255 quilômetros à cavalo da cidade do Sul do Estado até Porto Alegre. O objetivo era ficar no Parque da Harmonia,

onde cerca de cinco mil tradicionalistas acampavam à espera da Semana Farroupilha.⁸

O advogado e candidato a deputado estadual, homossexual assumido, foi recebido com ameaças e impedido de entrar no acampamento farroupilha, mas retornou no dia 20 de setembro para participar do desfile do Dia do Gaúcho, quando, depois de apresentar-se para o palanque do governo mostrando uma bandeira do movimento *gay*, foi interceptado por cavaleiros que participavam da comemoração, chicoteado e expulso do desfile.

Ao mesmo tempo em que colocou em pauta questões como as diferenças entre a velha tradição e os novos contornos da sociedade, a “cavalgada gay” transformou-se em acontecimento midiático. Matérias foram publicadas nos jornais estaduais e de circulação nacional, a imagem do episódio no desfile rendeu minutos de divulgação em telejornais, e discussões derivadas da atitude foram propostas em programas de rádio e televisão. O debate também ganhou espaço na Internet: em portais, *sites* de notícias, páginas ligadas a movimentos homossexuais e ainda em *sites* sobre o gauchismo, como a *Página do Gaúcho*.

O fórum intitulado *Cavalgada gay de Pelotas, no Galpão de Debates*, teve a inserção de participações de 4 de setembro a 10 de dezembro de 2002 – foram três meses de intensa discussão sobre o acontecimento, em que muitas vezes foi usada uma linguagem cheia de gauchismos para enfatizar a repulsa diante da atitude do Capitão *Gay*, considerado como um político oportunista e, pela maioria, como uma ofensa ao tradicionalismo:

Viram só...Deu no que deu. **Será que o tal “capitão gay” achou que ia entrar na estância e ser recebido por todos com aplausos, cuia de mate coisa e tal???** Até o apresentador do jornal da Band criticou o **tchê “louca”!!!**

■
⁸ Durante uma semana por ano, a Revolução Farroupilha é festejada no Rio Grande do Sul através de comemorações que culminam no feriado estadual de 20 de setembro, celebrado como o “Dia do Gaúcho”, no qual há desfiles realizados por CTGs e também por outras instituições estaduais.

Desculpem a minha indignação, mas se os nossos gaudérios lá acampados aceitassem aquela aberração, empunhando uma bandeira descarada e sem respeito ao nosso meio...Eu teria que concordar com os tals casseta&planeta!⁹

Entre as participações, destacaram-se referências irônicas e brincadeiras em relação ao homossexualismo, visto com distanciamento pelos usuários e ridicularizado em piadas com referências pejorativas. O discurso que aparece é o que declara respeito pela opção sexual, desde que as diferenças não se façam visíveis nas entidades tradicionalistas.

A discussão ficou acirrada depois que um dos usuários começou a usar o episódio do Capitão *Gay* como uma prova do homossexualismo entre os gaúchos, chamados por ele de “gayúchos”: “Se fosse para proibir os *gays* de participar da cavalgada, tinha que proibir todos os gaúchos”, escreveu o usuário, gerando protesto dos cadastrados no *Galpão de Debates*, que pediram a intervenção do gerenciador do *site*.

Na seção destinada ao confronto de opiniões, uma idéia contrária à da maioria não pôde ser vencida por argumentos, mas pela necessidade de imposição autoritária, do silenciamento, caracterizando o *site* como espaço de jogo de poder semelhante ao observado dentro do Movimento Tradicionalista. Assim como no Parque da Harmonia, onde o Capitão *Gay* foi afastado à força, no *site*, a opinião considerada ofensiva deveria ser excluída pela autoridade do gerenciador que, em uma atitude diferente da esperada, decidiu manter as inserções do usuário por considerar discriminatória grande parte dos posicionamentos.

A decisão fez com que as ofensas fossem mantidas, principalmente as direcionadas ao gerador do episódio. Numa aproximação entre os posicionamentos dos tradicionalistas acampados à espera da Semana Farroupilha e os frequentadores da Página do Gaúcho, uma mesma solução ao que foi considerado uma afronta aos princípios gaúchos foi defendida, e o

■
⁹ Documento eletrônico

que os usuários propuseram semanas antes foi observado no desfecho do acontecimento. O destino do Capitão *Gay*, apedrejado no Parque da Harmonia e chicoteado no desfile Farroupilha, foi previsto na Internet:

Acredito que todos os que se envolvem - menos o público assistente, é claro - nos eventos tradicionalistas devem se comportar como manda a tradição e colaborar para que esta seja difundida. Trocado em miúdos: Se os gays quiserem viver o tradicionalismo, que sejam bem-vindos, agora, se quiserem fazer do tradicionalismo uma festa gay, **ajoje-se-os pelas orelhas e desca-se-lhes o relho.**

Vim uma bixinha, sim isso mesmo BIXINHA, se promover as costas do tradicionalismo, **PORRADA NELES.**

Beleza de participação!!!! Seria interessante corrermos do acampamento os gays..... **Tudo na base do relho...**¹⁰

A atitude revela sintonia entre o contexto tradicionalista e a *Página do Gaúcho*, ainda que nela haja a intenção de confronto de opiniões, e muitas delas tenham sido colocadas em contato na discussão do episódio. O homossexualismo é um tabu nos CTGs, tidos como espaços excludentes mesmo entre os sujeitos com vivência no meio, assim como acontece na *Página do Gaúcho*, onde o tema é tratado como piada, desde que não se faça nenhuma associação entre gauchismo e homossexualidade.

Em 2003, passadas as eleições e derrotado o candidato Capitão *Gay*, sua participação no desfile da Semana Farroupilha foi mais discreta. Foi um dos primeiros a passar a cavalo pela Avenida Loureiro da Silva, onde acontece o evento em Porto Alegre, depois de negociar sua participação com líderes do MTG. Desta vez sem mostrar a bandeira do movimento *gay*, foi ignorado pelos tradicionalistas, o que rendeu críticas na *Página do Gaúcho*, em mais um tópico criado para debater o assunto. Com menos exaltações do que no ano anterior, a discussão girou em torno do descontentamento da maioria diante da aceitação do MTG.

■
¹⁰ Documento eletrônico

7 A identidade reconfigurada pelos usos da Internet

Os três casos brevemente resgatados ajudam a compreender a Internet como uma mídia que passa a ser apropriada como uma alternativa para reelaboração do significado atribuído ao gaúcho a partir da tematização de matrizes que surgem na própria história de construção da identidade e de outras que aparecem com as especificidades dos usos da mídia. Ao mesmo tempo em que o tratamento de questões identitárias permite reviver disputas, há um reordenamento através da possibilidade de construção midiática da identidade gaúcha a partir da apropriação efetiva de possibilidades da Internet como a interatividade e as alterações na relação entre usos e produção.

Como uma matriz de vivência da identidade gaúcha intensificada na Internet, a relação com as mídias demonstra uma necessidade de visibilidade como aposta para a afirmação da tradição. A visibilidade é alcançada na Internet através das apropriações do *site*, que também passa a refletir um agendamento de outras mídias, sendo usado para a reivindicação de espaço para a identidade gaúcha construída não em sua pluralidade, mas a partir da aproximação com sua matriz tradicional, tal como acontece na *Página do Gaúcho*.

O que foi possível constatar é que as mídias constituem-se em um outro, assim como acontece com a idéia de nação e de um mundo global, demandando uma necessidade de afirmação que vai se desenrolando no *site* a partir das diferentes manifestações e ocupação de espaços para agendar questões que vêm por outros meios, como o que aconteceu com as polêmicas do programa televisivo *Casseta & Planeta* e no episódio do Capitão *Gay*. Desde a criação de um *site* voltado à cultura gaúcha até a discussão das questões agendadas, há uma relação motivada pela compreensão dos sujeitos diante da centralidade midiática, obrigando a afirmação identitária em seus espaços e revelando a sua construção e vivência na mídia.

Os posicionamentos, ainda que divergentes, não mostram uma compreensão da cultura gaúcha como uma composição, uma mistura, uma apropri-

ação de diferentes fontes. Não se trata dentro do universo do *site* de uma cultura híbrida (ainda que para alguns possa tolerar certos rearranjos), mas de uma essência que precisa ser constantemente protegida. É justamente na observação dessa necessidade de defesa que se justifica a constatação de que a identidade está em inevitável permanente transformação, através da incorporação de elementos novos – alguns aceitos e outros condenados pelos usuários.

É o que se observa com a incorporação da mudança mais visível na pesquisa: a possibilidade de vivência da cultura gaúcha através da Internet. Trata-se da mistura do gauchismo com as características e possibilidades da rede mundial de computadores, exigindo a introdução de elementos novos e a mistura daquilo que é o tradicional e a linguagem dos *sites*, a sua estrutura e dinâmica de funcionamento.

Embora poucas vezes seja percebida entre os sujeitos que circulam na *Página do Gaúcho*, a modificação imposta pelos usos da Internet relacionados com a identidade cultural gaúcha aparece em casos, como os abordados, em que é possível refletir sobre a relação entre a preservação da tradição e o reconhecimento de que, independente do desejo de seus defensores, ela está em movimento, comprovado pelo surgimento e expansão das novas tendências. Nesse jogo de apropriações, a identidade é tensionada: as experiências são divididas e as diferenças, ainda que sob o viés da crítica e de uma tentativa de fechamento, são colocadas em contato, fazendo com que o modo como cada um considera-se gaúcho ganhe novos contornos.

Agenda setting, disputes and construction of the *Gaúcho* on the Internet

ABSTRACT

The article, on the basis of the examination of a site about Gaucho culture, raises questions about the construction of cultural identities in the media, and in particular on the Internet. In the part of the research entitled “Gaucho

cultural identity in the social uses of the Internet" presented here, there are three cases of mediatic agenda setting that are reinforced by the dynamics of production and uses of the Internet: the involvement with the mini-series *A casa das Sete Mulheres*, the boycott of the comedy *Casseta & Planeta* and the discussions generated by a homosexual manifestation during a traditionalist event in the state capital of Rio Grande do Sul. Anchored in the concepts of mediatization, strategies for establishing identities and the social uses of media, the text presents a reflection about the ways in which identity experimentation, strengthened by the Internet. is acting toward the re-elaboration of the meaning attributed to the Gaucho identity since its mediatic construction.

KEYWORDS: Mediatization. Internet. Gaucho Identity culture.

Agendamento, disputa y construcción del *gaúcho* en la Internet

RESUMEN

El artículo, a partir de la observación de un sitio web sobre cultura *gaúcha*, levanta cuestiones sobre la construcción de las identidades culturales en los medios de comunicación, especialmente en la Internet. En la delimitación propuesta, parte de la investigación "Identidade cultural gaúcha nos usos sociais da Internet: um estudo de caso sobre a Página do Gaúcho", se presentan tres casos de agendamento mediático reforzado por la dinámica de producción y usos de la Internet: el involucrimiento con la miniserie *A casa das sete mulheres*, el boicot al humorístico *Casseta & Planeta* y las discusiones generadas por una manifestación homosexual durante un evento tradicionalista en la capital de Rio Grande do Sul. Partiendo de los conceptos de mediatización, estrategias identitarias y usos sociales de los medios de comunicación, el texto reflexiona sobre los modos por los cuales la experimentación identitaria potencializada por la Internet está actuando para la reelaboración del significado atribuido a la identidad *gaúcha* desde su construcción mediática.

PALABRAS-CLAVE: Mediatización. Internet. Identidad cultural *gaúcha*

Referências

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Identidade cultural gaúcha nos usos sociais da Internet: um estudo de caso sobre a Página do Gaúcho.** 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – UNISINOS, São Leopoldo.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

MATA, María Cristina. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la comunicación**, Lima: Felafacs, n.56, p. 80-90, out. 1999.

OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Diálogos de la Comunicación**, Lima: Felafacs, n.48, out. 1997.

Liliane Dutra Brignol

*Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)
Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
E-mail: lbrignol@terra.com.br*